

Budistas, mais de 300 milhões; muçulmanos, 1 bilhão e 200 milhões; cristãos, 2 bilhões; judeus, quase 20 milhões. Total: mais de 3 bilhões e meio de fiéis. Portanto, Lia Diskin, Ali Abdouni, Leonardo Boff e Henry Sobel representam quase dois terços da humanidade. Com exceção de Abdouni, que concedeu entrevista, os convidados do mês para o *Papo-cabeça* responderam por e-mail ao questionário que lhes enviamos sobre tema do momento.

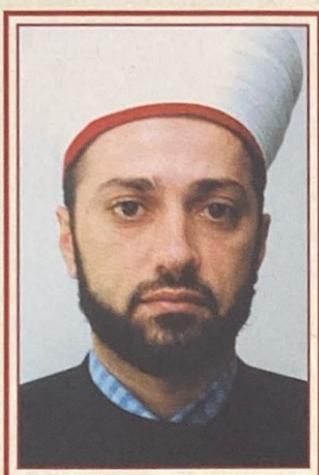
A ESCOLHA É NOSSA

TOLERÂNCIA GERA TOLERÂNCIA INTOLERÂNCIA GERA INTOLERÂNCIA



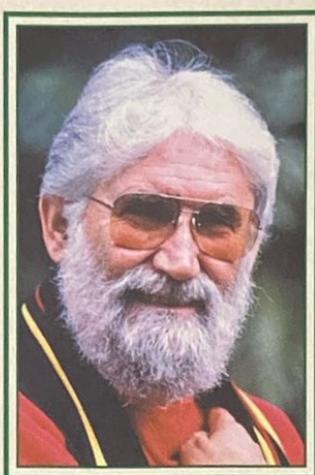
ACEVO LIA DISKIN

LIA DISKIN é jornalista, especialista em budismo e co-fundadora da Associação Palas Athena, de São Paulo.



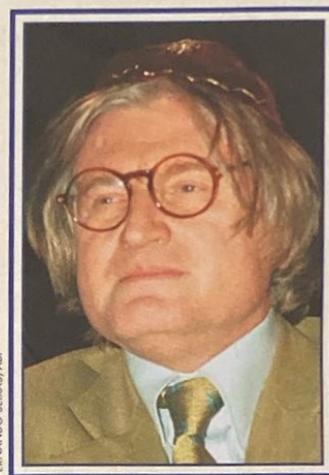
VERA JURSYS

ALI ABDOUNI é teólogo, xeque e presidente da Assembléia Mundial da Juventude Islâmica.



DOUGLAS MANSUR

LEONARDO BOFF é teólogo, escritor, portador do Prêmio Nobel Alternativo da Paz 2001.



FERNANDO SEIXAS/ABI

HENRY SOBEL é rabino, presidente do Rabinato Congregação Israelita Paulista.

O QUE É DEUS?

LIA DISKIN: As discussões a respeito de Deus, se Criador, Princípio Vital do Universo, transcendente ou imanente, já não interessam. O que as pessoas buscam hoje é a experiência de Deus, experiência espiritual, o contato com essa dimensão que nos irmana com tudo quanto existe, põe em suspenso nosso arsenal intelectual e dá as costas à repetição domesticada do tempo.

ALI ABDOUNI: É o absoluto que não gerou e não foi gerado por nada, nada é comparado a Ele. Ele é onipotente. Não

desviamos a adoração a profetas, a santos. Todas as orações são dirigidas a Deus.

LEONARDO BOFF: Deus não cabe em nenhum dicionário. É aquela Paixão infinita de ternura e vigor que vem antes de tudo o que existe, que penetra tudo que é e vai além de qualquer limite. E em nós se revela como entusiasmo e desejo infinito.

HENRY SOBEL: É um Mistério, impenetrável e indefinível. Mas Sua presença é constantemente sentida. Posso estar com Ele ou contra Ele, mas não posso jamais estar sem Ele.

QUEM É O OUTRO?

LIA DISKIN: Aquele que nos dá identidade, em quem me espelho para perceber-me. Somos depositários de milhões de contribuições que enriquecem nossa vida. A humanidade continuaria a existir se Mozart não houvesse composto suas músicas. Contudo, seríamos mais pobres e menos sensíveis.

ALI ABDOUNI: O muçulmano deve respeitar o não-muçulmano ao máximo. Se casar com uma judia, ou cristã, é obrigado a respeitar sua religião dentro de casa.

LEONARDO BOFF: É aquela realidade que me permite desco-

brir-me a mim mesmo como diferente e me possibilita uma comunhão. É uma proposta à qual devo dar uma resposta. Então nasce a ética como atitude de responsabilidade face ao outro.

HENRY SOBEL: É alguém também criado à imagem de Deus e, portanto, merecedor de dignidade e respeito.

QUEM SOU EU EM RELAÇÃO AO OUTRO?

LIA DISKIN: Uma realidade inexplorável se eu estiver fechada. Uma possibilidade de aprendizagem se estiver aberta.

ALI ABDOUNI: Nossa parte é divulgar. Se o outro conhecer e

continuar na sua religião, tem todo o direito e deve ser respeitado. Se quiser aderir à religião muçulmana que é religião de Deus e não do homem, fique à vontade.

LEONARDO BOFF: Sou um desafio e possibilidade de acolhimento, rejeição e aliança. Juntos podemos formar o *nós*, base de toda convivialidade na diferença.

HENRY SOBEL: Sou diferente e sou igual. Diferentes em aparência, e crenças, e costumes; iguais em valor.

O QUE É TOLERÂNCIA?

LIA DISKIN: O conceito hoje é insuficiente. Não basta aceitar as diferenças, tenho de promover sua existência como fonte de riqueza e alargamento do processo de humanização.

ALI ABDOUNI: Enquanto você souber os seus limites e eu, os meus, a tolerância vai permanecer.

LEONARDO BOFF: É a capacidade de conviver com os diferentes sem fazê-los desiguais e vendo-os como chance de enriquecimento mútuo. Desde que Deus tolerou que matassem seu Filho, a tolerância não tem limites. Devemos ser fortes o suficiente para poder suportar tudo, até a morte.

HENRY SOBEL: É respeito pelas diferenças e reverência pela santidade do outro.

A RELIGIÃO PODE TORNAR AS PESSOAS INTOLERANTES?

LIA DISKIN: Não. Mas as instituições religiosas, sim, quando se afastam da missão *religante* e assumem compromissos com o poder e os interesses econômicos, que dividem e contra-põem objetivos.

ALI ABDOUNI: Se generalizarmos a questão, estaríamos cometendo injustiça. O Alcorão prega: qualquer pessoa que tirar a vida de um inocente, é como se tivesse tirado a

vida de toda a humanidade. Qualquer pessoa que preservar a vida de um inocente, é como se tivesse preservado a vida de toda a humanidade.

LEONARDO BOFF: Sempre que uma religião pretende deter o monopólio da verdade, é condenada a ser intolerante. A pretensão da verdade absoluta faz da religião um fator de conflito.

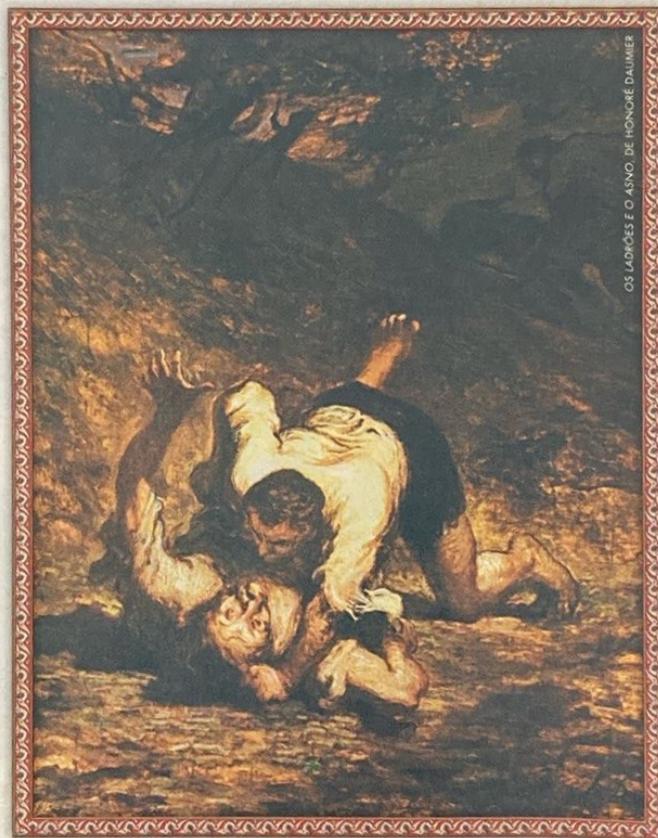
HENRY SOBEL: Sim, quando deturpada; quando seus adeptos traem a essência ética dos ensinamentos de sua religião.

direito de serem intolerantes conosco. Vítima e carrasco se alimentam mutuamente.

ALI ABDOUNI: Cada um saber os limites do outro e respeitá-los ao máximo.

LEONARDO BOFF: Ter a capacidade de fazer do distante um próximo e do próximo um irmão, e entender o diferente como meu complemento possível.

HENRY SOBEL: Humildade já é bastante para reconhecer que a verdade não é monopólio de nossa própria religião, nacionalidade ou linha política.



OS LADRÕES E O ASSINO, DE HONORÉ DAUMIER

QUAIS OS REQUISITOS PARA SERMOS TOLERANTES?

LIA DISKIN: Primeiro, estudar história. Não há cultura autocriada, todas são variantes melódicas do mesmo tema: buscam significados num mistério único e insondável que é a Vida. Segundo, observar se não é nossa própria insegurança que nos faz ver os outros como ameaçadores. Terceiro, lembrar que nossa intolerância outorga aos outros o

A VIDA NÃO PASSA DE LUTA ENTRE BEM E MAL?

LIA DISKIN: Talvez seja a metáfora do modo como percebemos a dinâmica dos fatos, que é complexa. Numa guerra, combatentes são vistos por cada lado como heróis mas, se cruzarmos as visões, igualmente como assassinos. Gostaríamos que o cabrito nunca fosse alcançado pelo tigre, mas não temos objeção em comê-lo num churrasco.

ALI ABDOUNI: O bem está em quem pratica a justiça, independente de ideologia, nacionalidade, partido. A religião muçulmana incentiva a combater a injustiça. Eis o bem e o mal no mundo, até o juízo final.

LEONARDO BOFF: A vida é perpassada pelo bem e pelo mal, é feita da dimensão simbólica que congrega e da dimensão diabólica que desgrega. Sabedoria é privilegiar o simbólico para com sua força assimilar a dinâmica do diabólico e assim manter a vida em constante dinamismo e aberta para novas sínteses. A vida possui inegável nota trágica. Mas há chance de se fazer da tragédia um drama no qual o simbólico e a ordem detêm a última palavra.

HENRY SOBEL: Não é luta; é escolha. Deus nos criou a todos com livre arbítrio. Temos, portanto, capacidade de optar entre bem e mal. E cada um de nós tem de arcar com as conseqüências da escolha.

O QUE É QUE NÓS ESTAMOS FAZENDO AQUI?

LIA DISKIN: Procurando descobrir isso mesmo. E, ao procurar, criamos conseqüências que nos enredam tanto que esquecemos o que estávamos fazendo enquanto estávamos aqui.

ALI ABDOUNI: Não adianta ser egoísta. Devo pensar o bem para mim, para você e para as outras pessoas. Respeito pelo ser vivo.

LEONARDO BOFF: Irradiando, pois todos nascemos no coração das estrelas vermelhas, dentro das quais se formaram todos os elementos que constituem todos os seres. Queremos irradiar a majestade do universo, a complexidade da vida e a misteriosidade fascinante daquele que se vela e "re-vela" por detrás de todas as coisas, a Fonte originária de todo ser.

HENRY SOBEL: Tentando tornar o mundo mais humano, deixá-lo um pouquinho melhor do que o encontramos.

UM DIA O HOMEM PODERÁ VIVER FELIZ COM SEUS SEMELHANTES?

LIA DISKIN: Manter essa esperança viva é o que nos ilumina e encoraja. Certa ocasião, perguntei a um mestre do Vedanta como poderíamos evitar a soberba. Ele respondeu que a vida é semelhante à escalada de uma montanha: é necessário olhar para cima e ver quanto falta. E olhar para baixo e perceber o quanto se avançou.

ALI ABDOUNI: Se você vive bem, devo ficar contente porque estamos em uma sociedade onde todos iremos nos ajudar.

LEONARDO BOFF: O ser humano se distingue por ser cooperativo. A cooperação permitiu o salto para a hominização. Quando predominam cooperação e solidariedade, desaparecem as causas da intolerância. As religiões fazem guerra porque cada uma pretende saber mais sobre Deus. Melhor faríamos dançarmos e cantarmos diante de Deus. A espiritualidade traz paz e tolerância.

HENRY SOBEL: Esse dia só virá quando todos se reconhecerem uns aos outros como semelhantes.

A INTOLERÂNCIA NASCE COM O SER HUMANO? SOCIEDADES E RELIGIÕES FRACASSARAM APESAR DE PREGAR PAZ ENTRE OS POVOS?

LIA DISKIN: Não. É produto dos valores de uma sociedade. Quanto à segunda questão, não podemos afirmar isso. Somos uma espécie nova e com poucos conhecimentos de si mesma, mas a única que consegue

distinguir entre aquilo que é e o que almeja ser. Aqui reside nossa crise crônica. Sócrates, lá no século 5 a.C., já lamentava a falta de caráter dos jovens, comportamentos violentos e indisciplinados, pouco interesse pela política.

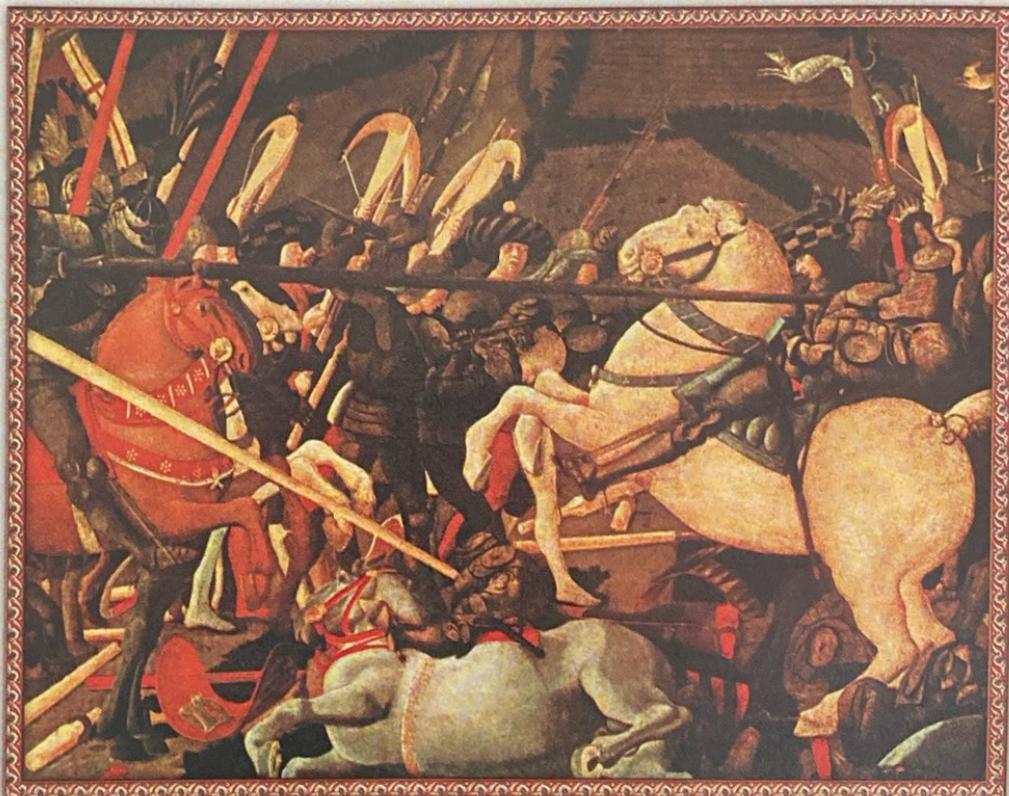
ALI ABDOUNI: Mohamed fala que toda criança nasce pura, depois os pais ou a sociedade a transformam. A religião não se modifica. A prática do bem alimenta o espírito. Sem a parte espiritual, qual a diferença entre o homem e um animal?

o princípio de autodestruição, pois a máquina de morte é capaz de destruir toda a biosfera e impossibilitar o projeto planetário humano.

HENRY SOBEL: Não creio que sejamos intolerantes ao nascer; nos tornamos à medida que nos deixamos influenciar por intolerantes. Não foram as religiões que fracassaram; somos nós que não correspondemos às exigências éticas de nossas respectivas religiões.

ALI ABDOUNI: O ser humano está cada vez mais materialista, e o materialista acaba se matando. Se o homem teve capacidade de ir à lua, será que não tem capacidade de conviver com o outro, ser mais pacífico, tolerante?

LEONARDO BOFF: Estamos numa encruzilhada. Ou mudamos ou vamos ao encontro do pior. O paradigma de civilização vigente não tem condição de garantir esperança. É destrutivo e vo-



BATALHA DE SÃO ROMANO, DE PAOLO UCCELLO

LEONARDO BOFF: É o pensamento único neoliberal que pretende ser a única forma de organizar o Estado e a sociedade, é a ditadura do projeto da tecnociência que se considera a única maneira legítima de aceder ao real, é o mercado com sua lógica competitiva e nada cooperativa que se imagina o quadro final da história. Essa dogmática que não se deixa questionar quebrou economias, aumentou o número de pobres, devastou recursos e construiu

QUAL A MAIOR FORMA DE INTOLERÂNCIA HOJE EM DIA? QUE CONSEQUÊNCIAS ISSO NOS TRAZ?

LIA DISKIN: Acreditar que nossos conhecimentos são definitivos. Cair na ilusão da posse da verdade e deixar-se pegar pelo sentimento de *altruísmo*, de querer compartilhar esta verdade. E julgar que os que não desejam essa verdade estão adormecidos e que temos o dever de acordá-los a qualquer preço.

raz. Precisamos incorporar tudo o que de bom produziu, especialmente o projeto da tecnociência, dentro de novo padrão civilizatório que nos permita evoluir solidariamente, como viemos fazendo há milhões de anos, quando surgiu a vida.

HENRY SOBEL: É o fundamentalismo religioso. A religião nas mãos do fundamentalista é como dinamite nas mãos da criança. Consequências? Aquelas que estamos testemunhando: ódio, violência e terror.